



Disciplina optativa: Bem-Viver e interculturalidade: interfaces entre universidade e comunidades.

Sextas-feiras, de 16:00 às 18:30. Início: 19/03/2021. Término: 25/06/2021

Professores: Rodrigo Peixoto, Reinaldo Fleuri e Manoel Moraes

Ementa:

Vamos apresentar uma ementa um pouco extensa, porque queremos iniciar a disciplina definindo Bem Viver e Interculturalidade, no contexto relacional entre comunidades e universidade.

O Bem Viver praticado entre os Quechua (Sumak Kawsay) e os Aymara (Suma Qamaña) do altiplano andino, assim como pelos Guarani (TekoPorã), localizados em ampla porção da América do Sul, vem ganhando terreno em outros contextos, e não apenas entre povos originários. Em territórios quilombolas e também nas cidades e na universidade, a noção ganha significado, em lugares de vida popular, feiras, mercados, portos e trapiches, e em manifestações culturais e políticas promovidas por negros/as e indígenas.

Nesses lugares e manifestações estabelecem-se boas relações, na forma de reciprocidades e solidariedades, princípios estes fundamentais do Bem Viver. Boas relações entre as pessoas e delas com a natureza, esse é um traço fundamental do Bem Viver, que não é uma noção imóvel, fixada geográfica e temporalmente. Desde que amparada nos seus princípios fundamentais, a noção possui plasticidade e dinamismo, e seus sinais podem ser reconhecidos de forma encoberta, reprimida ou incipiente em contextos diversos.

Mais que um contraponto ao neo-liberalismo, essas realidades e potencialidades precisam ser postas em movimento nos lugares, porque o Bem Viver envolve um projeto de futuro ancorado em valores ancestrais, em espiritualidades e práxis, na forma de um constante devir. Não se cogita o Bem Viver como uma linha de chegada, posto que é sempre processo.

Esse projeto de futuro como fundamento do Bem Viver encontra-se já nos escritos de 1611 do indígena Aymara Felipe Guamán Poma de Ayala, intitulados "Primer Nueva Crónica y Buen Gobierno". Guamán Poma, observando a ordem social Inca oprimida pelos conquistadores, e escutando as queixas dos conquistados, "resgatou historicamente e valorizou os saberes e práticas da ordem social conquistada e, ao mesmo tempo, os projetou como horizonte de sentido na busca pela substituição da nova ordem injusta imposta pelo sistema colonial" (Lacerda; Feitosa, 2015, p. 13).

A crítica da ordem estabelecida e um projeto diverso e autônomo de futuro, conforme o ponto de vista dos dominados, veio a ser reconhecido por Walter Dignolo (2007), um autor do grupo latino-americano modernidade/colonialidade, como desobediência epistêmica. De modo que a proposta do Bem Viver abre um horizonte de mudança em relação à ordem social estabelecida, revelada pelo conceito de colonialidade do poder, o lado obscuro da modernidade, mudança essa que se funda em saberes e práticas decoloniais.

Nesse sentido, onde quer que venha a ser construída, a proposta do Bem Viver traz com ela uma utopia, a qual, partindo da insatisfação com a realidade, projeta uma

mudança realizável no futuro. Essa utopia, uma vez realizada, transforma-se em algo estabelecido, que novamente passa a ser objeto de projetos de mudança e novas utopias, em busca de uma realidade melhor ainda não existente. Esse projeto sempre inacabado de transformação da realidade impulsiona os sujeitos sociais a buscar sempre abrir novos horizontes de possibilidades (Lacerda; Feitosa, 2015, p.15), e caracteriza o Bem Viver como uma utopia realizável e sempre em processo de autossuperação.

O Bem Viver reúne práticas decoloniais, e decolonizar significa compreender e confrontar a matriz do poder colonial, que historicamente vincula a ideia de "raça", como um critério de classificação e controle social, com o desenvolvimento do capitalismo global (moderno, colonial, eurocêntrico), iniciado como parte da formação histórica da América (Quijano, 2000, p. 342).

Associada à crítica decolonial, a interculturalidade crítica aponta para o empoderamento de uma perspectiva "não-colonial", entendida como a "imaginação epistêmica para a autoconstituição e constituição coletiva de contextos sociais, culturais, políticos, bem como da sensibilidade diferentes, e não apenas na refutação dialética dos padrões dominantes" (Valencia, 2015, p. 12, nota 2).

Nosso objetivo, portanto, é estudar as estratégias decoloniais desenvolvidas pelos processos de resistência e resiliência dos povos originários, em particular os povos amazônidas, frente aos processos histórico-sócio-culturais-educacionais coloniais e neocoloniais, que vêm se impondo tragicamente na Ameríndia nos últimos cinco séculos e se intensificando no atual contexto econômico-político, com implicações graves particularmente na região amazônica.

Os povos indígenas e quilombolas, que mantêm uma relação harmônica com a terra, expressa nas cosmovisões do "Bem-viver", questionam duramente a lógica predatória da super-exploração dos recursos naturais que alimenta padrões insustentáveis de consumo, para assegurar a acumulação capitalista. (Heck et al., 2012, p. 25).

Assim, a escuta epistêmica das cosmovisões não-coloniais é a condição para que possamos desconstruir a colonialidade e aprender com indígenas e quilombolas a empoderar formas não-coloniais de saber e poder, de ser e viver. (Fleuri, 2017). Nesta perspectiva, o curso se propõe a criar um contexto interacional que favoreça a conversação crítica e o entrelaçamento cooperativo, capaz de romper com "modelos eurocêntricos dos processos de ensino", os quais conferem "alto grau de centralização das práticas de ensino" aos "professores em sala de aula e reduzem os estudantes à condição de meros aprendizes. (Pimentel, 2014, p. 50).

Quilombolas e indígenas na academia, cursando pós-graduação e fazendo-se sujeitos produtores de conhecimentos, que trazem e devolvem para seus territórios, isso enseja interfaces entre universidade e comunidades.

Ao tornarem-se sujeitos biográficos, aprendendo a dizer a sua palavra (Fiori, 1987), agora observadores da sua própria realidade, quilombolas e indígenas tecem suas reexistências. Não mais como objetos de pesquisa, mas como autores/as dos seus próprios textos, em linguagem oral e escrita, mas também em criações artísticas, expressões culturais e espirituais, em ativismo social, intelectuais orgânicos que são, sem distanciamento da realidade vivida e tampouco neutralidade em relação a ela, esses/as discentes protagonizam um projeto político-pedagógico decolonial.

De acordo com perspectivas subjetivas, autobiográficas, não neutras e focadas em realidades específicas, na pesquisa-ação (Fals Borda, 1978) que desenvolvem, pesquisa-ação essa situada nos seus territórios, esses sujeitos discutem o que vivem. Na condição de pesquisadores/as, observam a maneira como vivem e dessa

perspectiva devolvem os conhecimentos aos territórios, como agentes transformadores dos contextos em que se constituem.

Indígenas e quilombolas, na condição de sujeitos produtores de conhecimento, também influenciam o ambiente acadêmico, seus métodos e epistemes. Esse é o processo de descolonização do conhecimento que a interface universidade e comunidades permite. Como afirma Catherine Walsh (“Diálogo com Catherine Walsh”, 16/07/2020), “interculturalidade crítica não é o multiculturalismo, tampouco é inclusão. Não é ser parte do sistema ... é um conceito de luta, e isso implica a transformação de estruturas, do sistema, de instituições e também de relações”. Segundo Walsh, “a interculturalidade crítica começa entendendo o problema do poder. O poder sobre corpos, sobre pessoas, sobre conhecimentos, sobre formas de existir e também sobre a natureza mesmo”.

Referências

FALS BORDA, Orlando. El problema de como investigar la realidad para transformarla. Federación para el Análisis de la realidad Colombiana (FUNDABCO). Bogotá, Colombia, 1978.

FIORI, Ernani. Prefácio: Aprender a dizer a sua palavra. In FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FLEURI, R. M. Aprender com os povos indígenas. Revista de Educação Pública, v. 26, n. 62/1, p. 277-294, maio 2017. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995>>.

HECK, Dionísio Egon; Silva, Renato Santana da; Feitosa, Saulo Ferreira (organizadores). Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio. Brasília: Cimi – Conselho Indigenista Missionário, 2012.

LACERDA, Rosane Freire; FEITOSA, Saulo Ferreira. Bem Viver: Projeto U-tópico e Decolonial. Interritórios. Revista da Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil, v. 1, n.1, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/download>. Acesso em 22/11/2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica y descolonización de las ciencias sociales. In VEJA, Rodrigo Cordero (org.) Formas de comprender el presente. Conferencias reunidas de la Cátedra Norbert Lechner (2010-2011). Ediciones Universidad Diego Portales, 2012. Disponível em http://norbert.udp.cl/wp-content/uploads/2013/11/Lechner_comprender_el_presente.pdf#page=23. Acesso em 19/11/2020.

PIMENTEL, Álamo. “A atitude etnográfica na sala de aula”. REALIS, v. 4, n. 02, Jul-Dez. 2014.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. CLACSO. Modernidade; Capitalismo; Poder Público; Sociedad; História Eurocentrismo; América Latina. Buenos Aires, 2005. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1366646>. Acesso em 22/05/2018.

VALENCIA, Mario Armando Cardona. Ojo de Jíbaro. Conocimiento desde el tercer espacio visual. Prácticas estéticas contemporáneas en el Eje Cafetero colombiano. Popayán: Editorial Universidad de Cauca, 2015. WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. Revista Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez.2012.

WALSH, Catherine. Diálogo com Catherine Walsh. Entrevista concedida a integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo da Amazônia (Geperuaz/Ufpa), do Fórum Paraense de Educação do Campo (FPEC) e da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia (RPPDA).

Bibliografias Outras (abertas a sugestões)

ACOSTA, Alberto. Bem Viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Breda, Orelha: Boaventura de Sousa Santos, Editora Elefante Editora; Editora Autonomia Literária. 2016. Disponível em <https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2017/06/Bemviver.pdf>

ALBÓ, Xavier. Os Guarani e seu “Bem-Viver”. Tradução André Langer. IHU – online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 471/31 agosto 2015. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6104-artigo-xavier-albo>

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. Soc. estado. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100051

ESTERMANN, Josef; TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra. Interculturalidade crítica e decolonialidade da educação superior: para uma nova geopolítica do conhecimento. Laplage em Revista (Sorocaba), vol.3, n.3, set.-dez. 2017, p.17-29. Disponível em <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/324>

LAGARES, Fernanda Rodrigues; SANTOS, Cassyo Lima; NARDE, Katiúcia da Silva. O Bem Viver como uma Alternativa de Reconfiguração de Cidades Brasileiras. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 03, ed. especial, dez., 2017, artigo nº 553. Disponível em <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/553>

NASCIMENTO JÚNIOR, Wanderley dos Reis. O paradigma do “vivir bien” no estado plurinacional da Bolívia como referente para a construção de políticas públicas emancipatórias. Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v. 1, n. 1, jun – ago/2016, pp. 212-234. Disponível em <https://doaj.org/article/ce7d0c69fe3b4d219b949442162e4dd3>

WALSH, Catherine (editora). Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resisitir, (re) existir y(re) vivir. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial. Quito: Abya Yala Alteridad. Revista de Educación, Vol. 9, No. 1, enero-junio 2014, 66-70. Disponível em <https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/8357/1/Pedagog%C3%ADas%20decoloniales.pdf>